

Dívida: ^{Externa} o acordo continua no ar.

Novamente — e pelo 19º dia — os negociadores brasileiros e americanos admitiram estar a um passo do acordo final. Mas o anúncio não saiu.

Mais um dia, o 19º, esperando em Nova York o anúncio do "acordo iminente" entre o Brasil e os bancos credores, e nada nem explicações.

Neste 19º dia de espera, com promessas de que "é hoje", um trio de jazz exibiu-se diante do Citicorp Center. E houve também uma caçada policial que mobilizou várias viaturas, três ambulâncias, mas, como as negociações, acabou não dando em nada, nem uma prisão, apesar do estridente barulho das sirenes.

Outras novidades deste novo dia de negociações são a Lua quase cheia entre os prédios do Manhattan, a informação de que o comunicado final do comitê credor já está escrito e tem até duas páginas, e a declaração do banqueiro John Landers, representante do Manufactures Hanover: "As negociações têm que acabar hoje".

Fernão Bracher (no desenho) saiu da reunião do 18º dia, anteontem, às 11h30 da noite. Foi caminhando pela rua Lexington em direção a uma farmácia aberta à noite toda, prevendo que o trabalho poderia terminar no dia seguinte, ontem.

— Você volta para o Brasil — perguntei.

— Só se o Seixas deixar. Você deixa, Seixas? — ele perguntou para o Antônio de Pádua Seixas, diretor da Área de Dívida Externa do Banco Central.

Seixas riu, consentindo. Informação mesmo nenhum deles dá. Despedindo-se, Bracher disse que estaria de volta para mais reuniões a partir de 9h30. Nas salas de reuniões ficaram os advogados do Brasil e dos bancos credores preparando a papelada para a nova rodada de negociações.

De manhã, às 9h30, bandeiras do Citicorp, dos Estados Unidos e de Nova York estavam sendo içadas, das esquinas das ruas 53 e Lexington, mas Bracher, ao contrário do que prometera, não apareceu.

A esta hora ele estava ao telefone falando com o ministro Bresser Pereira, como mais tarde diria. Só que negaria que tivesse qualquer conexão com o cancelamento da entrevista coletiva com o ministro, que era desmarcada em Brasília.

O problema

Uma fonte insiste para JT que um acordo já foi alcançado há alguns dias, deixando apenas problemas de texto. Quando consultado, Bracher diz invariavelmente que o problema é americano, que está tudo dependendo dos banqueiros.

Uma fonte de dentro das reuniões contou que o problema principal é o de amarrar o acordo de

curto prazo no de longo prazo, que deverá ser negociado depois. "Lançar as bases das novas negociações", como ela diz. E aí os banqueiros querem a garantia do FMI e o Brasil tem resistido a conceder.

Os banqueiros começaram a reunião entre eles às 9h30, nas duas salas do meio das seis ocupadas pelas negociações. E às 10h10 já se levantavam, espalhando-se por todas as salas. Foi quando os repórteres nas ruas souberam que o ministro Bresser Pereira estava marcando uma entrevista coletiva. Só que as cenas visíveis das janelas não indicavam que as negociações estivessem no seu momento final.

Bresser chegou precedido pelas sirenes dos carros azul e branco da polícia de Nova York. E quando lhe perguntaram se "ainda tinha pontos pendentes", respondeu que "há menos pontos pendentes".

Respondendo depois a uma outra pergunta, desmentiu que o obstáculo para um acordo fosse ainda o FMI, o problema discutido na sexta e sábado passado, exaustivamente, para render, segundo informações, um texto vago, que não contradiz a posição brasileira de concluir os acordos com os bancos, desvinculados do FMI.

Os rumores de crise na negociação seriam desmentidos por um dos negociadores, que saiu às ruas para comprar algo que quase todos os brasileiros temem: antiácidos. Às 13 horas podia-se ver os garçons fazendo a mesa para o almoço. Na sala ao lado, Seixas ficou ao telefone das 15h10 às 15h24, e a suposição é de que ele falava com o Brasil, passando novos textos a serem aprovados pelo ministro Bresser Pereira em Brasília.

Às 17h20 em Nova York, terminou mais uma reunião plenária. Os brasileiros de volta à sala, que trocaram, passando agora para a que era dos americanos, sentaram-se às mesas tirando os paletós. A advogada americana que os acompanhava circulou entre eles distribuindo um papel. Bracher apareceu à janela e quando os repórteres lhe fizeram um sinal de positivo com o dedo, ele gingou o corpo indicando que a situação estava mais ou menos. O trio de jazz continuava tocando e a multidão enchia as ruas, procurando os buracos do metrô e os pontos de ônibus. A bandeira americana foi descida, ao som do corneteiro que interrompeu o jazz para brincar de cerimônia oficial.

E a impressão na sala do Brasil era de que as negociações, mais uma vez, entrariam pela madrugada.

**Moisés Rabinovici,
de Nova York**

